

# **A FORMAÇÃO E USO DE UM ACERVO ARQUEOLÓGICO: O CASO DO CEPA-UNISC**

Sergio Celio Klamt<sup>1</sup>

Marina Amanda Barth<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A Formação e Uso de Um Acervo Arqueológico: O Caso do CEPA-UNISC, apresenta a trajetória do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas-CEPA da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. São 45 anos de dedicação à formação de um dos mais ricos e completos acervos arqueológico do Rio Grande do Sul. Dentro do contexto histórico da arqueologia no Vale do Rio Pardo, o texto aborda desde a origem do centro, a formação e curadoria do acervo até seu uso para fins científicos, para a educação patrimonial e meios utilizados para divulgação.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Acervo arqueológico, curadoria, uso científico, educação patrimonial

## **INTRODUÇÃO**

O presente texto tem como foco principal apresentar os 45 anos de um centro de pesquisas em arqueologia. No caso específico o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas CEPA da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. As atividades desenvolvidas, as adaptações ao longo desse período bem como a situação atual.

---

<sup>1</sup> Professor e arqueólogo coordenador do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul. sergio@unisc.br

<sup>2</sup>Historiadora e Arqueóloga coordenadora de pesquisa na empresa Barth Arqueologia e Educação Patrimonial. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. barth.marina@yahoo.com

## 1. A TRAJETÓRIA DA ARQUEOLOGIA NO VALE DO RIO PARDO

A história da Arqueologia no Vale do Rio Pardo tem início com uma arqueologia voltada para a comunidade a exemplo do Museu do Colégio Mauá (1966)<sup>3</sup> e posteriormente (1974) com o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul focando inicialmente na arqueologia acadêmica e posteriormente complementada com arqueologia preventiva e educação patrimonial.

A arqueologia comunitária desenvolvida pelo Museu Mauá se caracterizava por um conjunto de ações as quais eram executadas por uma equipe composta de professores do Colégio Mauá e voluntários não ligados diretamente ao educandário, Barth (2013). Com isso passava-se a ideia de uma pesquisa feita pela comunidade para a comunidade. À medida que as pesquisas eram efetuadas, os dados e resultados são publicados no jornal local (Gazeta do Sul). A divulgação despertava interesse dos leitores que colaboravam com informações para as pesquisas e doações para o museu composto pelas seções de arqueologia, paleontologia, mineralogia, geologia, história e etnologia. O museu recebe ainda hoje visitas de escolas principalmente do Vale do Rio Pardo e apreciado por visitantes do Brasil e exterior. Havia e há uma reciprocidade entre a comunidade e as pesquisas arqueológicas do Museu Mauá.

A transição<sup>4</sup> de uma arqueologia comunitária, voltada para a cultura, efetuada pelo Museu Mauá, para uma arqueologia acadêmica, voltada para a ciência, realizada no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas criado na Universidade de Santa Cruz do Sul ocorreu de forma gradual. À medida que a arqueologia acadêmica voltada para outro tipo de público vinha ganhando espaço também a nível nacional, a arqueologia comunitária vai perdendo espaço. A partir disso, o Museu Mauá passou a se dedicar à história da região nos mesmos moldes da pesquisa arqueológica envolvendo a comunidade,

---

<sup>3</sup> O Museu do Colégio Mauá foi fundado por Hardy Elmiro Martin, em 20 de setembro de 1966, ligado ao centenário Colégio Mauá.

<sup>4</sup> Ver em Barth (2013, 2014).

divulgando resultados na mídia escrita e recebendo documentos que passaram a compor a acervo do Museu. Hoje parte do acervo arqueológico e documental está disponibilizado para pesquisa no CEPA – Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas e CEDOC – Centro de Documentação respectivamente, localizados no Memorial da Universidade de Santa Cruz do Sul.

O CEPA foi fundado em 1º de março de 1974 por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, ligado ao Departamento de Ciências Sociais dessa Instituição. A finalidade do centro era ministrar cursos, possibilitando aos inscitos um estudo aprofundado da disciplina de Antropologia Cultural, bem como a Pesquisa Arqueológica no sentido “da reconstituição das formas de vida do passado” no Rio Grande do Sul e, de forma específica, na Região do Vale do Rio Pardo e áreas adjacentes. A equipe era constituída pelo coordenador Pedro Augusto Mentz Ribeiro, acadêmicos do curso e voluntários.

No contexto da arqueologia brasileira, as atividades das duas instituições se enquadram, respectivamente, na terceira e na quarta fases ‘da passagem das pesquisas arqueológicas efetuadas pela comunidade para a institucionalização da pesquisa’ e ‘do impulso popular à consciência de classe’, segundo a História da Arqueologia Brasileira, de Alfredo Mendonça de Souza (1991).

Na década de 1990, surge no Brasil uma nova arqueologia: a arqueologia preventiva, também chamada de empresarial ou de contrato. Pela escassez de recursos, a arqueologia acadêmica perde espaço para empresas especializadas em prestação de serviços na preservação do patrimônio arqueológico. O curto período da vigência dos projetos é fator decisivo para um menor ou maior aprofundamento das pesquisas. Mesmo assim, esses projetos resultam em publicações que vão além dos relatórios. As universidades se adaptaram rapidamente para a nova realidade. O Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica da UNISC não ficou imune a esse processo.

A trajetória da arqueologia no Vale do Rio Pardo se enquadra em três momentos da arqueologia brasileira: a arqueologia como cultura comunitária, a arqueologia como ciência acadêmica, e por último, como patrimônio nacional a ser registrado e resgatado. A comunidade de Santa Cruz do Sul e o Vale do

Rio Pardo ofereceram um material extraordinário para esta história particular, que, de uma forma ou outra, se repete por todo o Brasil.

## 2. A FORMAÇÃO E CURADORIA DO ACERVO DO CEPA-UNISC

### 2.1. A origem do CEPA.



Figura 1. Prédio atual do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas-CEPA da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC.

No ano de 1974, sob a coordenação do Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas foi o primeiro centro de pesquisa criado pela instituição (UNISC). Estava ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o propósito de apoiar a capacitação docente, ministrar cursos para o aprofundamento da disciplina de Antropologia Cultural, bem como a Pesquisa Arqueológica no sentido da reconstituição das formas de vida do passado no Rio Grande do Sul e da região do Vale do Rio Pardo.

Além das aulas teóricas desenvolvidas em sala de aula pelo coordenador do CEPA, os alunos participavam de palestras ministradas por especialistas na área da arqueologia, de aulas práticas em campo e laboratório, de viagens de estudo a museus, centros de pesquisa e locais de relevância histórica e participavam de congressos no Brasil e no exterior.

A primeira turma de 24 alunos do Curso de Extensão Universitária, denominado “Arqueologia da América” recebeu certificado em 6 dezembro de

1974, deixando-os aptos para auxiliar em atividades arqueológicas. A equipe de pesquisa era composta por acadêmicos do curso de Filosofia, Ciências e Letras além de membros da comunidade que tinham realizado o curso e permaneciam como voluntários.



Figura 2. Turma de alunos em atividades de campo em curso de extensão do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas-CEPA da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC.

Desta maneira, os integrantes da equipe do CEPA eram formados por pessoas aptas a trabalharem com o patrimônio arqueológico e haviam sido preparadas para as atividades de campo e laboratório. Todas as atividades eram coordenadas por Ribeiro e executadas pela equipe de alunos e voluntários.

Inicia-se aí uma longa trajetória de 45 anos constituída de ações em prol da identificação, valorização e preservação do patrimônio nacional especialmente no contexto geográfico do Vale do Rio Pardo mas também nos demais regiões Rio Grande do Sul.

## 2.2. A formação do acervo

O primeiro sítio arqueológico registrado no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas ocorreu no ano de 1974 e denominado de RS-RP: 01 – Sítio Amanda Barth. O Sítio foi intensamente visitado pelos estudantes dos cursos da faculdade e de extensão, pois nele eram realizadas as atividades

práticas das disciplinas e cursos oferecidos pelo Centro. É o sítio arqueológico com o maior número de pontas de projétil no país.

Durante os 20 anos que Ribeiro coordena (1974 a 1994) os diversos projetos de arqueologia acadêmica ampliam consideravelmente o acervo, primordialmente originário de projetos de pesquisa e em menor escala de doações *“foram registrados 663 sítios arqueológicos no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em Roraima. Também há registros de sítios do Uruguai, da Argentina, do México, do Peru e da Bolívia”* (BARTH, 2013, p.109).

Em 1994, Ribeiro inicia uma nova trajetória em sua carreira profissional, transferindo-se para a Fundação Universidade de Rio Grande – FURG.

Um de seus ex-alunos, o Prof. Sergio Celio Klamt passa a coordenar o CEPA-UNISC. Já estávamos num período de transição entre a arqueologia acadêmica e a arqueologia preventiva.



Figura 3. Logotipo em comemoração aos 45 anos do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas

### 2.3. A curadoria do material e manutenção do local

Sob o título “Protocolo Para Manuseio, Movimentação, Limpeza, Manutenção do Acervo e Espaço”, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, fundado pelo Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro no ano de 1974, utiliza a metodologia estabelecida pelo mesmo e publicada sob sua autoria com o título de: Metodologia da Pesquisa Arqueológica. Fundação Universidade de Rio Grande. Coleção Pensar a História Sul Rio-Grandense, V.26, p.7- 44, 2004.

No Livro denominado de “Catálogo Geral”, todo o material que passa a integrar o acervo é registrado, mantendo a sequência numérica em ordem crescente iniciada em 1974 por ocasião do registro do primeiro sítio (Figura 4 e 5). Este registro é que norteia a organização e possibilita a rápida localização do material na reserva técnica, uma vez que cada caixa está numerada de acordo seu número de catálogo (Figura 6). No livro além do número de catálogo constam informações como sigla do sítio, proprietário, endereço, data do registro e observações.

O controle do acervo é feito de forma manual no “Catálogo Geral”, e também em planilhas do Excel armazenadas em arquivos digitais (Figura 7 e 8).

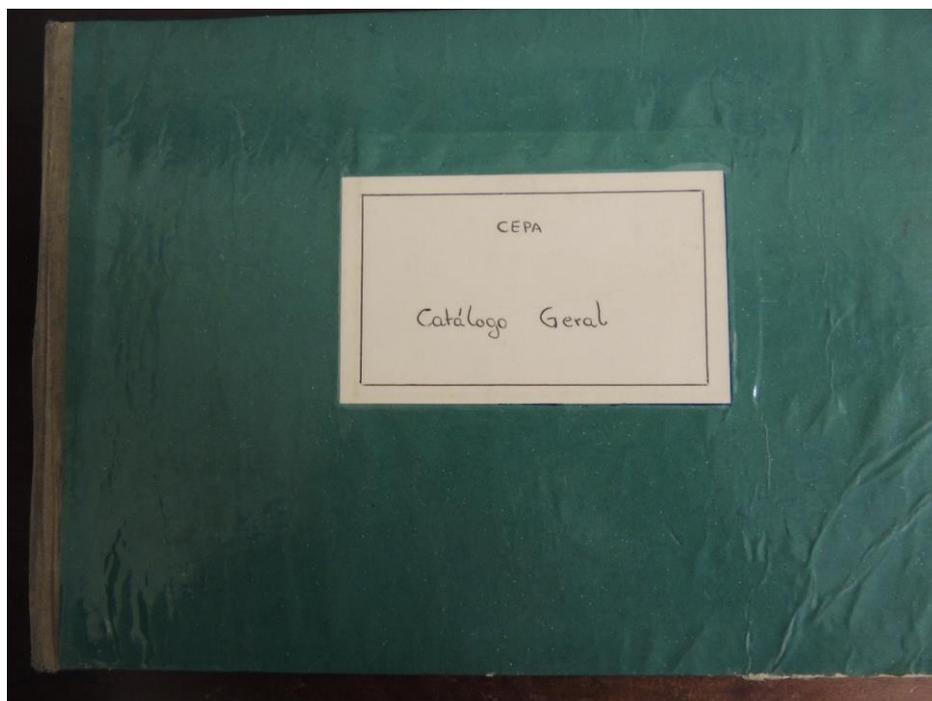


Figura 4. Capa do livro “Catálogo Geral”

CAT.	RS	NOME DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO	LOCAL	MUNICÍPIO	TIPO	VISITAS	OBSERVAÇÕES
161	SC-LN-2	Lombaque	Bo. Vermelho	Florianópolis			lanta bataviana - SC
162	-	Maria Júlia Martins	Oreiras	Condeá		10/12/14	Doação: 1 "Botija" amarela de vidro
163	RP:54	Alvino Kintz	Oreiras	Condeá		10/12/14	Desnudo
164	LN:15	Trineu Antônio da Silva	morro da Lagoa	Tramandaí		20/11/15	
165	-	Sr. Gutierrez (Fazenda)	-	Jaguariá		16/08/15	Doação: 1 boladeira
166	-	P. João Alfredo Rohr	Sto. Catarina	Urubici		-	Doação: 1 mão-de-pitão prateado
167	JC:1	Algerino Bastio		Sobradinho			
168	JC:2	Santo Gregório "A"		Sobradinho			
169	RP:55	Friedrich Bartz / Wolfgang Köhler / Ernesto Jachym	La. Cinco	Sto. Cruz Sul		07/01/15	
170	RP:56	Lauro Schmitt	La. Cinco	Sto. Cruz Sul		07/01/15	
171	-	Arnaldo Emmel	Alto Formosa	Sto. Cruz Sul		-	Doação: 1 boladeira manilhada
172	CA:2	Ernesto Vitalis "A"	La. Cinco	Sto. Cruz Sul		07/01/15	mancha preta em frente a 3g
173	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "C": 0-10 cm.
174	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "C": 10-20 cm.
175	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "C": 20-30 cm.
176	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "C": 30-40 cm.
177	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "C": 40-50 cm.
178	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "D": 0-10 cm.
179	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "D": 10-20 cm.
180	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "D": 20-30 cm.
181	CA:1	Edvino Schmitt	Macaco Branco	Portão		20/03/15	Foste "D": 30-40 cm.

Figura 5. Parte interna do livro "Catálogo Geral"



Figura 6. Ilustração parcial da reserva técnica no CEPA.

1	Cat	RS	Nome do sítio	Local	Município	Tipo	Visita	Observações
2		1 RP: 1	Amanda Barth (Walther Friederich)	E. Rio Pardinho	Santa Cruz do Sul	TU	13/04/1974	
21		12 RP: 12	Edvino Frantz	E. Rio Pardinho	Santa Cruz do Sul	TG	13/04/1974	
22		13 RP: 13	Donaldo Rieck	Rio Pardinho	Santa Cruz do Sul	TG	30/03/1974	
23		14 RP: 14	Elly Meinhardt "A"	Rio Pardinho	Santa Cruz do Sul	TG	11/05/1974	
24		15 RP: 15	Elly Meinhardt "B"	Rio Pardinho	Santa Cruz do Sul	PP	11/05/1974	Pontas-de-projêtil
25		16 RP: 16	Iracilda Conrad "A"	Formosa	Santa Cruz do Sul	TG	08/03/1974	"A"
26		17 RP: 17	Iracilda Conrad "B"	Formosa	Santa Cruz do Sul	TG	08/03/1974	"B"
27		18 RP: 18	Iracilda Conrad "C"	Formosa	Santa Cruz do Sul	TG	08/03/1974	"C"
34		25	Roberto Steinhaus	Rio Pardinho	Santa Cruz do Sul		00/00/1969	Doação: um afiador canaleta

Figura 7. Ilustração de planilha do excel utilizada para registro e controle geral.

Nº	PROCESSO	Nº CATÁLOGO	Núcleo	Lasca	Lítico	TOTAL
1	01512.001262/2013-15	Sem material	0	0	0	0
2	01512.003340/2011-46	Sem material	0	0	0	0
3	01512.001578/2012-18	2583 até 2876	25	1624	104	1753

Figura 8. Ilustração de planilha do excel utilizada para controle do acervo oriundo de cada projeto.

Outro elemento indispensável na manutenção do acervo é constituído pelo Plano Emergencial de Evacuação. É o documento norteador de ações de prevenção, resposta e recuperação em situações de desastres, naturais ou causados pelos seres humanos, que colocam em risco as pessoas, os prédios e os acervos de instituições culturais.

O plano descreve orientações e procedimentos a serem seguidos pelos funcionários, usuários e visitantes do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas - CEPA da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC quando da ocorrência de princípios de incêndio, sinistros e ameaças externas (Figura 9 a 11).



Figura 9. O prédio foi construído levando em consideração a legislação pertinente às pessoas portadoras de deficiência.



Figura 10. Hidrantes, extintores de incêndio e quadro de painéis no prédio.



Figura 11. Saída principal apresenta portas com barras antipânico.

Além de atender as normas técnicas na segurança e acessibilidade física a instituição orienta seus colaboradores através de cursos de prevenção de incêndio e evacuação de ambiente. A organização do acervo com arquivos digitais, plano de emergência e evacuação com colaboradores devidamente treinados são fundamentais para a manutenção e cuidado do acervo arqueológico e histórico.

### 3. O USO PARA FINS CIENTÍFICOS E EDUCACIONAIS

#### 3.1. O uso para fins científicos

Inicialmente a divulgação das atividades do Cepa e das pesquisas era realizada de maneiras diferentes e para públicos distintos. A Faculdade de Filosofia, os jornais locais – Gazeta do Sul a mais tarde Riovale Jornal - periodicamente publicavam “Noticias do CEPA”, no qual relatavam-se as principais atividades dos cursos ministrados por Ribeiro, as viagens de estudo, a participação em congressos no Brasil e no exterior, projetos aprovados e doações recebidas. Através dos artigos, a comunidade local e regional era informada das notícias e temas do meio acadêmico, participando da construção da universidade.

Ainda durante o ano de 1974 foi criado o primeiro periódico de edição anual da instituição - Revista do CEPA – com a publicação do exemplar nº 1. Assim, anualmente o periódico era editado a fim de divulgar para o meio acadêmico as pesquisas desenvolvidas no decorrer de cada ano. De acordo com Escoval (2014) foi através das pesquisas arqueológicas no Brasil (sul e norte) e no exterior e a publicação de centenas de artigos científicos, contribuiu para a formação e capacitação de futuros arqueólogos. A partir de 1995, a Revista passou a ser editada semestralmente recebendo a contribuição de arqueólogos de diversas instituições de ensino superior com o objetivo de divulgar os trabalhos desenvolvidos pelos mesmos. Foi assim o enquadramento da Revista em normas que vinham emanando da CAPES. Atualmente o periódico é disponibilizado na forma online.

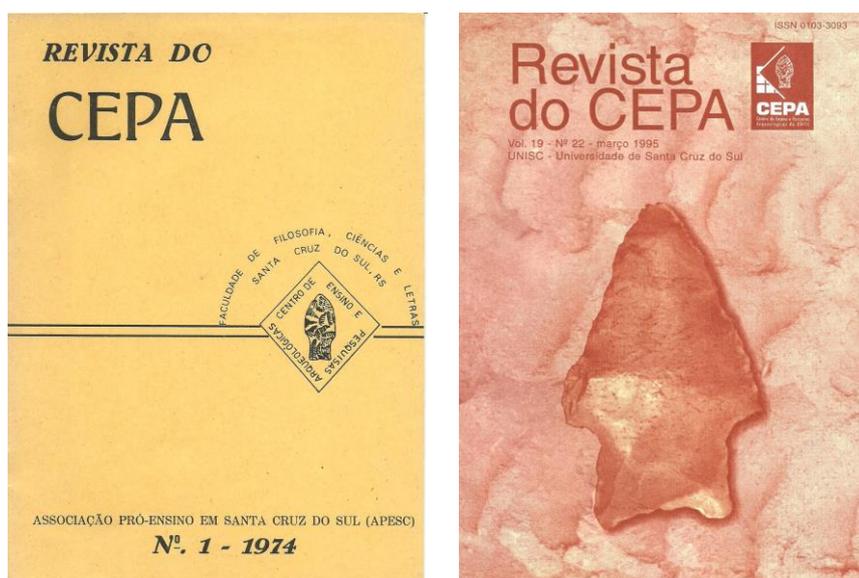


Figura 12. Capa do primeiro exemplar da Revista do CEPA publicado em 1974 e layout adotado a partir de 1995.

Desta forma, divulgando as pesquisas arqueológicas através dos artigos no jornal, da Revista do Cepa, de palestras e exposições, o conhecimento arqueológico se difundia por toda a região do vale do Rio Pardo atingindo desde o cidadão leigo, o aluno da escola primária até o da universidade e os colegas cientistas.

Ao completar 45 anos de história, o CEPA mantém a edição do periódico de forma virtual, possibilitando a qualidade e ampla disseminação do conteúdo científico produzido pelos profissionais da área em suas pesquisas.

As pesquisas relacionadas ao uso do acervo, contribuíram para a formação profissional de acadêmicos de diferentes instituições em diversos cursos como História, Geografia, Biologia, Matemática, Engenharia Civil, Pedagogia e Arquitetura. A troca de conhecimento e experiência rendem frutos na divulgação das pesquisas em seminários, congressos e publicações de artigos.

O material arqueológico acondicionado na reserva técnica tem sido fonte de pesquisas para dissertações e teses de diversas instituições acadêmicas do Brasil desde a sua fundação à atualidade, afirmando a qualidade na manutenção e disponibilização do acervo (Figura 13).

Atividade	Período	Resultado
Arqueologia Acadêmica	1974-2020	Em média um projeto a cada dois anos.
Arqueologia Acadêmica	1974-2020	Em média um artigo a cada dois anos.
Arqueologia Preventiva	1994-2020	Em média um artigo a cada dois anos.
Utilização do acervo por outras instituições	1974-2020	Em média um trabalho de graduação ou pós-graduação é concluído a cada dois anos.

Figura 13. Tabela com síntese de publicações e uso da reserva técnica do CEPA-UNISC.

### 3.2. O Uso para fins educacionais

O acervo material do CEPA e o conhecimento científico produzido a partir do mesmo tem se revertido para fins educacionais, como a elaboração de exposições temáticas em museus ou outros espaços públicos (escolas, feiras de ciência e literárias) e, palestras, oficinas e produção de material para uso didático.

Para contemplar as novas demandas do licenciamento ambiental voltadas para a Educação Patrimonial continuada e as expectativas das escolas, diferentes atividades são desenvolvidas tanto na instituição como no ambiente das próprias escolas (Figura 14 a 17).



Figura 14. Espaço denominado de “galpão escola” reservado para as atividades e oficinas dos escolares no CEPA-UNISC.



Figura 15. Espaço denominado de “galpão escola” reservado para as atividades e oficinas dos escolares no CEPA-UNISC.



Figura 16. Espaço denominado de “caixa sítio” reservado para as atividades e oficinas dos escolares em sua própria escola.



Figura 17. Capa de cartilha de atividades denominada de “Arqueologia Kids” destinada aos anos iniciais de Ensino Fundamental.

Através da Pró-reitora de Extensão e Relações Comunitárias a instituição mantém um projeto denominado “Conexão Universidade Escola” através do qual ocorre um intenso fluxo nos dois sentidos: a universidade vai à escola e a escola vem à universidade (Figura 18). O CEPA se integra nessas atividades através de palestras, oficinas e produção de material paradidático a exemplo da cartilha “Arqueologia Kids”.

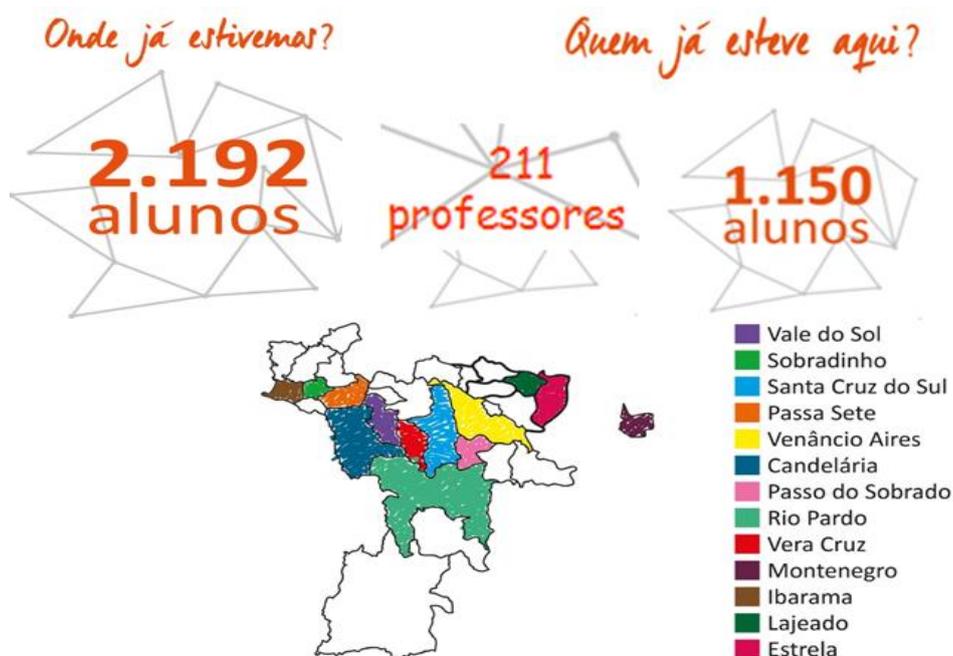


Figura 18. Ilustração dos atendimentos internos e externos com atividades relacionadas à arqueologia no ano de 2018.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do presente texto narrativo, pudemos apresentar uma síntese das pesquisas, curadoria e ações de educação e educação desenvolvidas pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul ao longo de seus 45 anos de existência.

Muitos dedicaram seu tempo e conhecimento, docentes, discentes, colaboradores e pesquisadores para juntos com o apoio institucional da Universidade de Santa Cruz do Sul escrever essa história que também é da comunidade regional.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Marina. *Arqueologia: Ação Comunitária ou Ciência Acadêmica*. Edição Especial Revista Cepa 40 anos. Revista do CEPA. Santa Cruz do Sul, v. 30, 2014. Disponível em <http://online.unisc.br/seer/index.php/cepa/issue/view/251>.

BARTH, Marina Amanda. *Arqueologia: ação comunitária ou ciência acadêmica*. São Leopoldo, 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2013.

*CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS*. Arquivos 1974-2019.

ESCOVAL, Iloir da Rosa. *A Arqueologia no Brasil e o Arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro: escavando as camadas de memória e montando os cacos dessas trajetórias*. Trabalho Conclusão de Curso de História – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014. *HISTÓRICO do Colégio Mauá*.

Disponível em <http://www.maua.g12.br/site/categoria/conheca-omaua/historico>.

KIPPER, Maria Hoppe; NEUMANN, Roque Aloisio. *APESC: Uma história de desafios e conquistas*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2012. Disponível em [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_editora\\_livro/e\\_bookapesc.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_editora_livro/e_bookapesc.pdf).

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. *História da Arqueologia Brasileira*. Antropologia, São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 46, p. 1-157.1991.

ONO, Rosaria e MOREIRA, Kátia Beatriz Rovaron. *Segurança em Museus*. Rosaria Ono e Kátia Beatriz Moreira - Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2011. 166 P.; 18x24 cm (Cadernos Museológicos Vol.1).

INSTITUTO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL <https://www.iphan.gov.br>